

A MISSÃO DE JESUS: CORAÇÃO DA IGREJA 'EM SAÍDA'

«*Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura*» (Mc 16,15). Estas são as palavras do Ressuscitado, Aquele que, depois de ter vencido a morte, aparece «aos onze enquanto estavam à mesa» e repreende «a sua incredulidade e dureza de coração, porque não tinham acreditado naqueles que O tinham visto ressuscitado» (cf. Mc 16,14-15).

Com um imperativo, uma ordem, Jesus confia aos Apóstolos não uma simples tarefa, mas **uma missão**. No relato de Marcos, esta missão é *comunitária*, ou seja, os onze ouviram **juntos** as palavras de Jesus porque estavam **juntos** sentados à mesa... «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura».

De acordo com os Atos dos Apóstolos, a Igreja – nascida do sopro **vibrante** do Espírito – foi confirmada na sua identidade missionária precisamente no dia de Pentecostes. «Quando o dia de Pentecostes estava a chegar ao fim, todos estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um estrondo, como de vento forte, e encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes línguas como de fogo que se dividiram e pousaram sobre cada um deles; e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes dava o poder de se expressarem» (Atos 2,1-4).

Desde que os Apóstolos começaram a falar de Jesus e em nome de Jesus, a Igreja nunca deixou de anunciar a Boa Nova da salvação, ou seja, *Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho* para que os homens e mulheres de todos os tempos *tenham vida e vida em abundância* (cf. Jo 3,16; 10,10).

Após o Pentecostes, animada pela experiência do Ressuscitado, a Igreja deixa a segurança do cenáculo, abre as portas e põe-se a caminho: um caminho feito de anúncio, de testemunho, de fronteiras ultrapassadas, de fundações de comunidades de fé; um caminho feito de martírio, de descoberta e redescoberta do seu ser «missionária», do seu ser «Igreja em saída», que tem «a coragem de chegar a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho»¹.

Ao longo dos séculos, além de anunciar e testemunhar com a sua vida a Boa Nova de Jesus,² a Igreja tornou-se Mãe e gerou «filhos e filhas» na fé. Certamente, não sem falhas e dificuldades, por vezes carregando juntos a espada e a cruz,³ mas sempre com a intenção de obedecer e responder àquele mandato inicial: «Ide por todo o mundo...».

A missão da Igreja nasce da *missio Dei*, ou seja, da missão do próprio Deus. «Deus é amor!» (1Jo 4,8.16). No Filho Jesus, Deus revelou-se Pai de todos e, por meio de Jesus, no poder criador do Espírito, confiou à Igreja a tarefa de revelar o Seu amor a todos os povos, a todas as nações e culturas de todos os tempos: «Ide... sereis minhas testemunhas até aos confins da terra» (cf. Mc 16,15 e Atos 1,8).

¹ EG n°s 20-24

² Desde os primeiros séculos, a Igreja viu entre os seus membros homens e mulheres que entregaram livremente a vida por causa da fidelidade a Jesus e ao seu Evangelho. «Gostaria de recordar que a história da Igreja, a verdadeira história da Igreja, é a história dos santos e dos mártires: os mártires perseguidos. A Igreja é Igreja de mártires: eles sofrem, eles dão a vida e nós recebemos a bênção de Deus pelo seu testemunho». (Papa Francisco, Meditação Matinal na Capela da *Domus Sanctae Marthae*, 21 de abril de 2015).

³ Não podemos negar os erros que a Igreja cometeu em momentos específicos da sua história missionária, ao concordar com o poder político vigente, aderindo aos ideais de conquista e domínio. Assim como não podemos negar as luzes e os contributos que ela trouxe a populações e culturas inteiras. Cf. De La Fuente Eloy Bueno, *Missio ad gentes y Missio inter gentes. Las polaridades del cambio de paradigma*, em Meroni Fabrizio e Gil Anastasio (Coords.), *La Misión, futuro de la Iglesia. Missio ad-inter gentes*, Madrid, PPC Editorial 2018.

Deus Pai é a fonte e a origem da missão. O Filho, Jesus, é a Sua Palavra; é o Verbo que se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1,14). O Espírito é o protagonista dessa explosão de audácia e alegria,⁴ que transforma os discípulos «de homens medrosos em missionários ardentes, que, cheios de coragem, levam pelas estradas do mundo a alegre notícia de Jesus ressuscitado. O amor impele ao êxodo e a sair de si mesmo para novas fronteiras, para se dar: “O amor cresce através do amor”».⁵

«O Concílio Vaticano II foi um momento extraordinário de reflexão, diálogo e oração para renovar o olhar da Igreja Católica sobre si mesma e sobre o mundo. Uma leitura dos sinais dos tempos com vista a uma atualização orientada por uma dupla fidelidade: fidelidade à tradição eclesial e fidelidade à história dos homens e mulheres do nosso tempo». Assim explicou o Papa Francisco na sua catequese durante a *Audiência Geral Inter-religiosa* por ocasião do 50.º aniversário da promulgação da Declaração Conciliar «*Nostra Aetate*»⁶.

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja confrontou-se com um mundo em mudança, «converteu-se» e compreendeu profundamente que «a sua peregrinação pela terra é, por natureza, missionária»⁷ e que cada pessoa, em virtude do Batismo, recebeu a responsabilidade de cooperar na obra da evangelização⁸. Com a aprovação do *Decreto sobre a atividade missionária da Igreja Ad gentes* (1965), a Igreja redescobriu a sua identidade missionária e fez renascer nos seus membros o espírito missionário, para levar o anúncio do Evangelho a todos os homens e mulheres e estabelecer o reino de Deus em toda a terra. Portanto, a missão é o coração da Igreja, é parte constitutiva da identidade de cada batizado⁹.

O Batismo sela a nossa pertença a Cristo. «Os batizados são de Jesus Cristo, Ele é o Senhor da sua existência. O Batismo é o “fundamento de toda a vida cristã”. [...] O Batismo permite que Cristo viva em nós e que nós vivamos unidos a Ele, para colaborar na Igreja, cada um segundo a sua condição, na transformação do mundo»¹⁰. Ser cristão é ser outro Cristo: é viver como Ele, pensar como Ele, agir como Ele, ter os mesmos sentimentos de Jesus. Cada batizado, na medida em que vive o seu batismo, pode proclamar: «Eu sou uma missão nesta terra e por isso estou neste mundo»¹¹.

⁴ É importante esclarecer que a missão é, antes de tudo, um atributo de Deus-Trindade e não tanto uma atividade da Igreja. A expressão *missio Dei* precisa ser compreendida de forma autenticamente trinitária. O Espírito é o principal agente da missão. A Igreja é sua aliada. Para aprofundar mais, cf. García Paredes José Cristo Rey, *Cómplices del Espíritu. El nuevo paradigma de la Misión*. Madrid, Publicaciones Claretianas 2014.

⁵ Instituto Filhas de Maria Auxiliadora, *Più grande di tutto è l'amore*. Atos do Capítulo Geral XXII, 2008, n.º 33.

⁶ 28 de outubro de 2015.

⁷ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Decreto sobre a atividade missionária da Igreja Ad gentes*, n.º 2. Doravante será citado AG seguido do número do parágrafo. Dez anos após AG, em 1975, o Papa Paulo VI dirá na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* que «Evangelizar, de facto, é a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar...» (n.º 14). «Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as camadas da humanidade, é, com a sua influência, transformar a partir de dentro, renovar a própria humanidade» (n.º 18).

⁸ «Está a afirmar-se uma nova consciência: a de que a missão diz respeito a todos os cristãos. [...] Nenhum crente em Cristo, nenhuma instituição da Igreja pode subtrair-se a este dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos». João Paulo II, *Carta Encíclica Redemptoris Missio*, n.ºs. 2-3. Doravante, será citada RM seguida do número do parágrafo.

⁹ A missão não é um *opcional*, não é uma parte da vida, ou um ornamento que se pode retirar, não é um apêndice, ou um momento entre tantos outros da existência. É algo que não podemos erradicar do nosso ser, porque é o que nos identifica como cristãos e batizados, ou seja, pertencentes a Cristo e à Igreja. Cf EG n.º 273.

¹⁰ Papa Francisco, *Audiência Geral*, 11 de abril de 2018.

¹¹ EG n.º 273.

Com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco retoma o que foi dito pelo Concílio Vaticano II e afirma com convicção que «todos somos discípulos missionários»¹². «Em todos os batizados, desde o primeiro até o último, atua a força santificadora do Espírito que os impele a evangelizar»¹³. O Espírito é sempre o protagonista da missão, pois «em virtude do Batismo recebido, cada membro do Povo de Deus tornou-se discípulo missionário»¹⁴.

Segundo o Papa Francisco, uma pessoa que foi conquistada pelo amor de Jesus é levada a partilhar esse amor, «sente a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a dar a conhecer», de a anunciar. Quem viveu a experiência do encontro com Jesus sente um intenso desejo de comunicá-lo!¹⁵ Portanto, «o que vimos e ouvimos, anunciamos» (1Jo 1,3). Esta é a identidade do discípulo missionário, a identidade de cada batizado que leva a sério a sua pertença a Cristo.

Respondendo ao mandato missionário de Jesus, a Igreja, e nela cada batizado, coloca-se do lado da vida e disponibiliza-se para descobrir as *sementes do Verbo* presentes na realidade, para despertar o coração das pessoas e revelar-lhes o projeto de Deus. A Igreja assume a tarefa de ser «fermento de Deus no meio da humanidade». Isso significa anunciar e levar a salvação de Deus ao nosso mundo, que muitas vezes se perde, que precisa de respostas que encorajem, dêem esperança, novo vigor ao caminho»¹⁶.
(*cfr Da Andate pag 5 -8 – sr Alaide*)

ROSTOS DA MISSÃO

A missão na Igreja depois do Concílio Vaticano II

Durante o Concílio, no processo de elaboração do Decreto *Ad gentes*, assistiu-se a uma forte mudança: do tema «missão» para «ser missionário»; da Igreja que possui «missões territoriais» para uma Igreja na qual a missionariedade representa uma orientação fundamental de todas as suas atividades (*Ad gentes 2*).

Os impulsos mais decisivos para uma Teologia da missão vieram das Constituições sobre a Igreja (*Lumen Gentium, Gaudium et Spes*), dos Decretos sobre o Ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*), sobre a vocação dos leigos (*Apostolicam Actuositatem*), da Declaração sobre a liberdade religiosa (*Dignitatis Humanae*) e sobre as religiões não cristãs (*Nostra Aetate*). Em todos estes documentos encontram-se os pressupostos missiológicos elaborados no Vaticano II, inseparáveis da nova visão da Igreja que afirma a sua natureza missionária.

Ao prosseguir com a reflexão, destaca-se uma sequência de passos que constituem um novo caminho para a teologia da missão: a missiologia, que era um *opcional* no campo da pastoral, convergiu para a teologia fundamental. A convergência da missiologia na eclesiologia e a inserção de ambas no desígnio trinitário de salvação deram um novo fôlego à própria atividade missionária, concebida não mais como uma tarefa à margem da Igreja, mas imersa no coração da sua vida, como compromisso fundamental de todo o Povo de Deus.

¹² *Ivi*, n.ºs 119-120.

¹³ *Ivi*, n.ºs 119-120.

¹⁴ *Ivi*, n.ºs 119-120.

¹⁵ *Ivi*, n.º 264.

¹⁶ *Ibidem*, n.º. 114.

1. É importante partir da teologia conciliar.

O Concílio Vaticano II deixou marcas teológicas/pastorais, como pontos de partida, para uma Igreja que se considera, por sua natureza, missionária, tanto como Igreja local quanto universal, Povo de Deus, sacramento de salvação e mistério.

A Igreja do Vaticano II está consciente de que não só deve "ter" missões, mas que é em si mesma "missão *ad gentes*", ao serviço dos "outros", como o foi Jesus de Nazaré, Filho do Pai.

2. Os documentos do Magistério pontifício, em particular *Ecclesiam Suam e Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI, *Redemptoris Missio* e *Novo Millennio Ineunte* de João Paulo II, forneceram orientações precisas e valiosas sobre a missão da Igreja como expressão da Missão de Deus no mundo de hoje. Da mesma forma, também os Sínodos e os Congressos Continentais tentaram uma contextualização correta das diretrizes eclesiais.

Reitera-se, repetidamente, que o Novo Povo de Deus, peregrino nesta terra, tem uma missão pública, histórica e profética ao serviço da humanidade, a começar pelos "pobres", e tem, ao mesmo tempo, uma missão escatológica: "apontar sempre para a vida". (*cf. pp 75-77- sr Ciri*)

A MISSÃO SEM FRONTEIRAS: CORAÇÃO DO INSTITUTO

Cada *discípulo missionário* tem um coração grande e uma visão ampla. Assim foi don Bosco, assim foi Madre Mazzarello, assim são todas as pessoas que colaboram com Deus no seu projeto de amor, que é sempre grande e surpreendente.

Inserido na Igreja, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora realiza o mandato missionário de Jesus em fidelidade às suas origens carismáticas, que são sempre origens missionárias! De facto, a missão é parte essencial da identidade carismática do Instituto das FMA (C 1, 6, 75), a missão está no seu ADN, e nada nem ninguém pode apagá-la.

Don Bosco e Madre Mazzarello guardaram e fizeram crescer em si e à sua volta o desejo de anunciar Jesus aos rapazes e às raparigas de todos os tempos!

O nosso Instituto ainda hoje vive desse ardor missionário dos Fundadores e do testemunho de vida e de fé das primeiras missionárias, que partiram em 1877 para o Uruguai sem muita preparação, mas cheias do «*Da mihi animas, cetera tolle*», com o único desejo de responder à missão: «*A ti as confio*».

Estamos conscientes do desafio que representa a fidelidade ao «forte impulso missionário» herdado de don Bosco e ao «élan missionário das origens», enquanto o Instituto abraça com amor e realismo a causa missionária, tornando cada terra uma terra de missão!¹⁷ Vivendo com os jovens em "saída missionária", testemunhando e anunciando Jesus com palavras e obras, as FMA ampliam os espaços de vida e de missão para que a proclamação da Boa Nova ultrapasse as fronteiras e encontre terra fértil entre povos e culturas variadas.

¹⁷ Hoje, onde quer que estejamos, estamos em «terra de missão»; portanto, essa certeza faz parte da nossa espiritualidade e abertura missionária. Terra de missão é onde Jesus ainda não é conhecido, onde nunca foi conhecido, onde foi esquecido, onde é ignorado; onde triunfa uma mentalidade antievangélica, contrária às bem-aventuranças, onde há discriminação, onde falta comunicação, onde há pobreza de comunhão e solidariedade. Também são encorajadoras para nós as palavras que o Papa Francisco dirigiu aos Missionários Oblatos de Maria Imaculada: «Hoje, toda a terra é "terra de missão", toda a dimensão do humano é terra de missão, que aguarda o anúncio do Evangelho. [...] O campo da missão hoje parece alargar-se a cada dia, abraçando sempre novos pobres, homens e mulheres com o rosto de Cristo que pedem ajuda, consolação, esperança, nas situações mais desesperadas da vida. Por isso, há necessidade de vós, da vossa audácia missionária, da vossa disponibilidade para levar a todos a Boa Nova que liberta e consola» (7 de outubro de 2016).

Um coração missionário... a vida pelo Evangelho

Diz-se que don Bosco era movido pela paixão do “*da mihi animas cetera tolle*”, que basicamente significa “**movido pela paixão pela Palavra**”, porque sabemos bem que o seu lema tem origem na Palavra, no livro do Génesis: «Dá-me as pessoas; os bens, fica com eles» (*Gn 14,21*).

Para um missionário, a paixão não pode ser outra senão o Evangelho, ou seja, a pessoa de Jesus. «Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!» (1Cor 9,16).¹⁸ Ai de mim se não «mostrar» com a minha vida Jesus, se não fizer ressoar o seu Evangelho, não com as minhas pobres palavras, mas com a força do testemunho,¹⁹ com a credibilidade do meu comportamento, das minhas escolhas... com a disponibilidade para aprender na escola de Maria: «Fazei tudo o que Ele vos disser» (*Jo 2*

Voltemos a don Bosco... Nele, tudo era desejo de anunciar, de evangelizar, de se empenhar para criar oportunidades com o objetivo de levar Jesus aos seus jovens e os seus jovens a Jesus. O seu binómio educativo – formar «**bons cristãos e honestos cidadãos**» – é a máxima confirmação do que lhe era caro, tanto o Evangelho como os seus jovens, especialmente os mais abandonados, necessitados e em situação de risco.

Também sobre Madre Mazzarello podemos afirmar que nela tudo era desejo de anunciar, desejo de levar Jesus às jovens e as jovens a Jesus. Após a doença do tifo, quando já não podia trabalhar na vinha, Maín conversa com a amiga Petronilla e propõe-lhe ir a Valentino Campi para aprender a costurar. E ela é clara no seu objetivo: «Assim que tivermos aprendido um pouco e pudermos trabalhar sozinhas, deixaremos o alfaiate, alugaremos um quarto por conta própria, aceitaremos algumas jovens que queiram aprender a costurar e lhes ensinaremos, mas com o objetivo principal, lembremo-nos bem, de as afastar dos perigos, torná-las boas e, especialmente, ensiná-las a conhecer e a amar o Senhor»²⁰.

Sabemos bem que essa «ideia brilhante» que Maín conserva e alimenta, e que depois partilha com Petronilla, é fruto da visão do Borgoalto. Maín passava um dia pela colina do Borgoalto, quando lhe pareceu ver à sua frente um grande edifício com toda a aparência exterior de um colégio para muitas jovens. Parou para observar com admiração e disse para si mesma: «O que é isto que estou a ver? Mas aqui nunca existiu este edifício! Que está a acontecer?» E ouviu uma voz: “*A ti as confio*”²¹

Portanto, formar «**bons cristãos e cidadãos honestos**» e ensinar as jovens a «**conhecer e a amar o Senhor**» são o fundamento do rosto missionária do nosso Instituto. Um rosto que amadureceu no sonho e no compromisso missionário de don Bosco e Madre Mazzarello. (*cf. Da Andate pag 13 -17 – sr Alaide*)

¹⁸ «Eu, Paulo, sucessor de São Pedro, encarregado da missão pastoral para toda a Igreja, nunca teria vindo de Roma até este país extremamente distante, se não estivesse firmemente convencido de duas coisas fundamentais: a primeira, de Cristo; a segunda, da vossa salvação. De Cristo! Sim, sinto a necessidade de o anunciar, não posso calá-lo: «Ai de mim se não proclamar o Evangelho!» (1 Cor 9,16). Eu sou enviado por Ele, pelo próprio Cristo, para isso. Eu sou apóstolo, eu sou testemunha. Quanto mais distante é o objetivo, quanto mais difícil é a minha missão, tanto mais urgente é: o amor que me impele a isso (cf. 2 Cor 5,14). Devo confessar o seu nome: Jesus é o Cristo, Filho do Deus vivo (Mt 16,16); Ele é o revelador do Deus invisível, é o primogénito de toda a criação, é o fundamento de todas as coisas; Ele é o Mestre da humanidade, é o Redentor; Ele nasceu, morreu e ressuscitou por nós; Ele é o centro da história e do mundo; Ele é Aquele que nos conhece e nos ama; Ele é o companheiro e o amigo da nossa vida; Ele é o homem da dor e da esperança; é Aquele que deve vir e que um dia será o nosso juiz e, esperamos, a plenitude eterna da nossa existência, a nossa felicidade. Eu não me cansaria de falar Dele: Ele é a luz, é a verdade, melhor ainda: Ele é «o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6). [...] Jesus Cristo: [...] a vós, cristãos, repito o seu nome, a todos o anuncio: Jesus Cristo [...]. Lembrem-se: este é o nosso anúncio perene, é a voz que fazemos ressoar por toda a terra (cf. Rm 10,18) e por toda a série dos séculos (Rm 9,5). Lembrem-se e meditem: o Papa veio aqui entre vós e gritou: Jesus Cristo!» (Da Homilia de Paulo VI por ocasião da visita às Filipinas. Manila, 29 de novembro de 1970).

¹⁹ Neste momento, seria bom aprofundar o caminho percorrido pelo Âmbito Missionário das FMA em sinergia com o Setor Missionário SDB no que diz respeito ao Primeiro Anúncio de Cristo, nos diferentes continentes. Este tema será retomado no 3º capítulo: FMA de coração ardente: «Eu sou uma missão».

²⁰ CAPETTI Giselda (a cura di), *Cronistoria I*, p. 98.

²¹ *Ivi*, pág 96.

Mornese... coração e terra sem fronteiras!

Para compreender melhor a *urgência missionária* do nosso tempo e a *identidade missionária* do Instituto, revisitemos um momento particular da nossa «história missionária». Voltemos atrás no tempo, naquele longínquo 1877. Desloquemo-nos a Mornese e tentemos colocar-nos naquele ambiente, "escutando" com atenção cada palavra, observando cada detalhe, sintonizando-nos com os sentimentos de Madre Mazzarello e de cada FMA da primeira comunidade. Deixemo-nos envolver pela intensidade daquele **ardor e amor missionário** das origens:

«No dia 8 de setembro – festa de Maria Santíssima e primeiro sábado – foi comunicada à comunidade a decisão de don Bosco de enviar as Filhas de Maria Auxiliadora para a América: o seu destino será o Uruguai.

A esta boa notícia, elevou-se de cada coração um hino de alegria: todas ficaram gratas a Nossa Senhora pela escolha que fez de enviar filhas tão pobres através do oceano, para redenção de tantas almas sedentas de luz, de bem, de vida eterna.

Tanta alegria, porém, é ofuscada por outra notícia: o padre Costamagna também foi escolhido para as missões na América! Ele mesmo escreve a esse respeito: "O senhor teólogo Cagliero, depois de se juntar à primeira expedição de Irmãs missionárias, conseguiu também deixar o ninho de Mornese, para acompanhar as Irmãs a Montevideu. Assim termina a dolorosa história: Isaac dirige-se para o monte Moria!"

Se cada Irmã desejava fazer parte do grupo das missionárias, com toda a razão desejava fazer parte do grupo liderado pelo diretor; mas a Madre repetiu o texto da carta que expressava claramente o pensamento de don Bosco: «Aquelas que desejam dedicar-se às missões estrangeiras, para cooperar com os salesianos na salvação das almas e particularmente das jovens, façam o seu pedido por escrito: depois será feita a escolha!"

Era um desafio geral para esta questão e cada uma exprimia-se nos termos mais convincentes, com esperança de estar entre as escolhidas.

Com o regresso de don Costamagna a Mornese, após o Capítulo Geral, intensificou-se em casa o estudo do espanhol; algumas dedicavam-se também ao francês, porque estava já próxima a fundação de Saint Cyr, em França; e trabalhava-se para preparar o necessário, para quem devia partir. [...]

No dia 27 de setembro, finalmente são divulgados os nomes das escolhidas para a América: Irmã Angela Vallese de Lu, diretora do afortunado grupo; Irmã Giovanna Borgna, natural de Buenos Aires; Irmã Angela Cassulo de Castelletto de Orba; Irmã Angela Denegri de Mornese; Irmã Teresa Gedda de Pecco (Turim); Irmã Teresina Mazzarello, conhecida como Baroni.

As selecionadas preocupam-se logo em obter a permissão das famílias, sendo desejo de don Bosco que os pais participem com plena adesão cristã neste novo e maior sacrifício dos filhos e no seu mérito»²²

(cfr Da Andate pag 25 -26 – sr Alaide)

²² Cronistoria II, pág. 276- 278.

FMA DE CORAÇÃO ARDENTE “EU SOU UMA MISSÃO”

Para melhor compreender o presente e, de modo particular, a urgência missionária que nos interpela como Instituto, é importante revisitar o passado!

Para ser testemunhas/missionárias do Evangelho: humanizar a vida!

“De Mornese às cidadãs do mundo” - A **14 de novembro de 1877**, partiu do porto de Génova a primeira expedição missionária de jovens FMA. Irmã Angela Vallese (23 anos) partiu para a América com um pequeno grupo de Irmãs: Giovanna Borgna (17 anos), Angela Cassulo (25 anos), Angela Denegri (17 anos), Teresa Gedda (24 anos), Teresina Mazzarello (17 anos), juntamente com don Giacomo Costamagna, SDB, e outros salesianos.

Um único objetivo da expedição: contar, com palavras e factos, que Deus é Amor

Com o desenvolvimento do Instituto, a solicitude materna de Maria Domingas concentra-se nas Irmãs, nas jovens em formação inicial e nas missionárias. Com todo o seu ser e agir, a Madre contribui para dar ao Instituto um fôlego de universalidade numa perspetiva missionária. O seu ensinamento é marcado por este anseio de abertura ao mundo, embora ela viva dentro de limites geográficos restritos.

Segunda expedição missionária FMA - 1879

A **1 de janeiro de 1879**, partiu a segunda expedição missionária, com dez FMA com destino a Buenos Aires, Argentina. Irmã Maddalena Martini (29 anos), Irmã Filomena Balduzzi (22 anos), Irmã Emilia Borgna (16 anos), Ir. Vittoria Cantù (30 anos), Ir. Caterina Fina (22 anos), Ir. Marie Magdeleine (21 anos), Ir. Virginia Magone (20 anos), Ir. Giacinta Olivieri (27 anos), Ir. Domenica Roletti (35 anos) e Ir. Giuseppina Vergniaud (20 anos).

A **3 de fevereiro de 1881**, dez FMA partiram na terceira expedição missionária: seis para a Argentina e quatro para o Uruguai. Ir. Ottavia Bussolino (17 anos), Ir. Ernesta Farina (30 anos), Ir. Caterina Lucca (25 anos), Ir. Giuliana Prevosto (21 anos), Ir. Luigia Vallese (21 anos), Ir. Anna Brunetti (24 anos), Ir. Giuseppina Pacotto (30 anos), Ir. Angela Gualfredo (20 anos), Ir. Lorenzina Natale (23 anos), Ir. Teresa Rinaldi (18 anos).

1885 - As Constituições das FMA

delineiam claramente a dimensão missionária e atribuem a responsabilidade pela mesma à Vigária Geral.

1969 – *Dada a vastidão do setor missionário do Instituto, o Capítulo Geral Especial XV* ²³ – imediatamente após o Concílio Vaticano II – 16 de janeiro – 29 de maio de 1969 instituiu o *Escritório Missionário Central*, hoje **Âmbito para as Missões**, sob a responsabilidade da *Conselheira Geral encarregada das Missões, para coordenar a atividade missionária, valendo-se também dos escritórios missionários inspetoriais.*²⁴ (*Assim lemos nel libretto delle Deliberazioni del CG XV alle pag.18-19*)

²³ O XV Capítulo Geral Especial teve como tema: *Renovação, atualização, adaptação na vida interna e apostólica do Instituto; na formação do pessoal e da juventude*. Com base no tema, foram formadas oito Comissões de estudo, além da das Constituições. A VI Comissão tinha como tarefa estudar o tema das Missões.

²⁴ Cf. *Atas do XV Capítulo Geral Especial*, págs. 76-79. As Capitulares destacam a necessidade de ter uma Conselheira Geral dedicada às Missões. «... o Capítulo considerou conveniente que uma das Conselheiras Gerais tivesse essa função específica, sem outras atribuições particulares». Até 1969, a responsável pelas Missões era a Vigária Geral.

AS MISSÕES

1º O Capítulo Geral, reconhecendo e reafirmando o caráter missionário do Instituto, estabelece a criação de um Escritório Missionário Central, sob a responsabilidade da Conselheira Geral encarregada das Missões.

Este terá a tarefa de coordenar a atividade missionária de todo o Instituto e se articulará nos vários escritórios inspetoriais.

2º A formação das futuras Missionárias será realizada normalmente na Escola Catequética-Missionária, aberta no Centro do Instituto.

As Neo-Missionárias, ao chegarem ao local, deverão ter a oportunidade de completar a sua preparação com o estudo da língua, religião, cultura, costumes e tradições do país.

3º As Missionárias poderão retornar temporariamente ao seu país de origem, após um determinado período de tempo a ser definido pela Inspetora, de acordo com a oportunidade e as circunstâncias.

4º A questão da formação do pessoal local deve ser levada em consideração, de acordo com as diretrizes da Igreja e do Concílio Vaticano II.

O Capítulo reconhece o esforço que a Madre Geral e seu Conselho estão a envidar para formar no Centro as primeiras vocações autóctones de algumas regiões do Extremo Oriente asiático, mas deseja que, assim que houver pessoal preparado no local, sejam abertas casas de formação nos respectivos países de missão, com programas adequados à cultura e mentalidade da região.

5º Às jovens que ingressam no Instituto com o desejo de ir para a Missão, será dada a oportunidade de realizar esse desejo, desde que a pessoa tenha os requisitos exigidos.

6º Será estudada a oportunidade de um serviço missionário temporário para quem desejar dedicar-se às missões por um período determinado.

O Capítulo Geral Especial expressa a natureza missionária do nosso Instituto e estabelece que uma das Conselheiras Gerais tenha a função específica de Conselheira Geral das Missões.

1975 - No Capítulo Geral Especial XVI, de 17 de abril a 28 de julho de 1975, Madre Lidia Carini é eleita primeira Conselheira para as Missões. Nos Atos do CGE de 1975, é dada grande importância à **missionariedade do instituto das fma; recriar a missionariedade; formação da fma missionária.**

1981 - CG XVII a propósito da missão do Instituto lemos:

Tendo em conta as Deliberações dos Capítulos XV e XVI relativas às missões, que suscitaram um forte impulso no nosso Instituto, sobretudo durante as Celebrações do Centenário das missões salesianas, o Capítulo Geral XVII propõe-se refletir e aprofundar ainda mais o tema missionário.

O objetivo específico dessa reflexão e verificação é o estudo da realidade missionária propriamente dita, a codificação da dimensão missionária nas Constituições e nos Regulamentos e a proposta de algumas linhas operativas. Nisto, somos também estimulados pela coragem e pelo entusiasmo dos nossos Irmãos Salesianos que, no seu último Capítulo, «sem excluir a possibilidade

de iniciar e desenvolver a sua ação missionária noutras zonas promissoras ou necessitadas, se comprometem a aumentar consideravelmente a sua presença em África». Em toda a história missionária da Congregação, desde o início, houve uma verdadeira colaboração e integração de forças na ação missionária. Os Salesianos reconheceram várias vezes que a sua obra na vanguarda missionária seria incompleta sem a nossa presença ativa.

As missões no Instituto das FMA

1. Acompanhar hoje com maior interesse, juntamente com a Igreja, a questão da inculturação, entendida como um impulso para levar a força do Evangelho ao coração das culturas e ajudar os povos a fazer surgir neles uma autêntica vida cristã.

2. Nos locais de missão, formar entre os leigos catequistas competentes, cooperadores dos missionários na ação evangelizadora. Nas Inspetorias, manter vivo o entusiasmo missionário tanto entre os Cooperadores e ex-alunas, quanto entre os grupos de jovens empenhados, para que deem uma contribuição concreta ao trabalho missionário.

3. Abrir-nos a novos horizontes, fazendo nosso o «Projeto África», para um relançamento missionário concreto, sem, no entanto, negligenciar as missões já existentes. Comprometemo-nos, portanto, a colaborar com os nossos irmãos Salesianos para uma ação missionária mais concreta entre os jovens mais pobres deste continente promissor.

(cfr Atti CG XVII Figlie Maria Ausiliatrice pag 121-122; 136)

*In questo CG viene eletta Consigliera Generale delle Missioni **Madre Carmen Martin Moreno***

1982 – No horizonte das Constituições renovadas.

O nosso Instituto participa, na Igreja, da missão salvífica de Cristo, realizando o projeto de educação cristã próprio do Sistema Preventivo na espiritualidade do «*da mihi animas coetera tolle*» (C. 1, 6). Ao revisitar o texto constitucional de 1982, nota-se o uso das seguintes expressões como referência ao mandato missionário de Jesus: forte impulso missionário (art. 1); ímpeto missionário (art. 6); dimensão missionária (art. 75); ação missionária e missões (art. 130); missão ad gentes (R. 70 [1996]); espírito missionário (R. 69); formação e vocação missionária (R. 71, 72). A Conselheira geral encarregada das Missões «tem a responsabilidade de impulsionar a ação missionária do Instituto entre os povos em vias de evangelização. Estará particularmente atenta aos problemas das nossas missões e interessar-se-á pelas missionárias, promovendo a sua preparação e atualização» (C. 130).

1990 - Cria-se uma nova coordenadora para a animação missionária na equipa inspetorial, com a tarefa de manter a atenção voltada para as questões relacionadas com a primeira evangelização e colaborar com as outras coordenadoras, a fim de promover a unidade vocacional das FMA (Carta da Ir. Lina Chiandotto, Conselheira para as Missões, 15 de agosto de 1991).

1996 - O CGXX reconhece a atualidade do mandato missionário no desenvolvimento e consolidação da nossa presença em África, na Europa Central e Oriental e no Sudeste Asiático (cf. Atos CGXX, pág. 28). Inicia-se um processo formativo para a releitura do mandato missionário de Jesus, «*Ide! Sereis minhas testemunhas até aos confins da terra*», em contextos multiculturais e multirreligiosos.

2002 – O CGXXI, marcado pela celebração do 125.º aniversário da primeira expedição missionária (1877), viveu uma renovada paixão missionária ad/inter gentes. Considera o fenómeno migratório,

nova fronteira para a missão, como ponto focal (cf. Atos CG XXI 17 e 26). De acordo com a Teologia da missão do Vaticano II, assume-se o novo paradigma: das missões à missão ad/inter gentes.

2008 -Apresenta-se às Conferências Interinspetoriais o ponto de chegada do processo *Da FMA na missão ad/inter gentes da Igreja*. Os Atos do CGXXII - Maior do que tudo é o amor - sublinham a universalidade do Carisma através do ícone do Pentecostes. O Espírito transforma os Apóstolos de homens medrosos em missionários ardentes. Cheios de coragem, levam pelas estradas do mundo a alegre notícia de Jesus ressuscitado. O Cenáculo foi para eles uma base de lançamento e não uma morada estável.

O amor leva ao êxodo e a sair de si mesmo em direção a novas fronteiras para se doar: o amor cresce através do amor.

«Hoje, no Instituto, continua-se a amadurecer uma consciência missionária mais sólida, enraizada na própria vocação cristã. Missionárias são as FMA enviadas ad/inter gentes, e todas aquelas que testemunham e anunciam Cristo com empenho generoso e audacioso no seu ambiente de vida e nas novas fronteiras da missão, provocadas também pelo fenómeno da mobilidade humana.» (*Carta da Ir. Alaíde Deretti, março de 2009*)

Empenho Missionário das Filhas de Maria Auxiliadora

Superiora Geral	Governo	Missionárias
S. Maria Domingas Mazzarello	1872 - 1881	48
Madre Catarina Daghero	1881 - 1924	983
Madre Luisa Vaschetti	1924 - 1943	770
Madre Linda Lucotti	1943 - 1957	541
Madre Ângela Vespa	1958 - 1969	321
Madre Ersília Canta	1969 - 1981	144
Madre Rosetta Marchese	1981 - 1984	38
Madre Marinella Castagno	1984 - 1996	266
Madre Antónia Colombo	1996 - 2008	94
Madre Yvonne Reungoat	2008 - 2021	162
Madre Chiara Cazzuola	2021...	57
TOTALE		3424

Conselheiras para a Missão ad gentes

Ir. Lidia Carini (1969 - 1981)

Ir. Carmen Martín-Moreno (1981 - 1984)

Ir. Lina Chiandotto (1984 - 1996)

- Início do **PROJETO ÁFRICA**
- Visitas de Animação nas comunidades sobretudo **ÁSIA Sul Pacífico** e **América Latina**

- Envio neo-missionárias com preparação teológica missionária na Universidade Urbaniana
- Cursos de Atualização Missionária para Missionárias: 2 vezes por ano
- Colaboração com a PUM (Pontifícia União Missionária) para Países não europeus e na Comissão Justiça, Paz e Integridade da Criação do USMI

Ir. Ciri Hernández (1996 – 2008)

- Abertura de numerosas casas em missão
- Criação e consolidação do voluntariado missionário
- Início dos Seminários de **reflexão missionária com os SDB** nos diversos continentes; SDB (*“A primeira evangelização em diálogo com as culturas - minorias étnicas e religiões tradicionais em todos os continentes”*; *“a proposta educativa salesiana em diálogo com as Igrejas orientais e com as outras religiões”* *“Presença Salesiana SDB FMA em contexto ortodoxo ou em contexto com maioria ortodoxa da Europa oriental”*; *“A proposta educativa em diálogo com os grupos socialmente marginalizados em contexto afro-americano”*).
- Seminários realizados com outros Âmbitos FMA *“Seminário sobre vocações autótonas FMA na AMÉRICA Latina – na Ásia”*; *“Seminário de Economia solidária”*
- a proposta do Conselho Geral de uma coordenadora para a animação missionária das Inspetorias, inserida na Equipa Inspetorial.
- 2002 **Celebração do 125º** da primeira expedição missionária no Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, 14 de novembro de 1877-2002. O desdobrável *“De Mornese a cidadãos do mundo”*. Reforçadas novas presenças na Ásia, Oceania, China, Mongólia, Sri Lanka
- Projeto migrantes *“para uma comum, para a diversidade humana”* experiências significativas: Pemba (*Moçambique*), Turim Porta Palazzo
Rede e colaboração inter congregacional como o Observatório do Diálogo Interreligioso (Misna), Projeto de Solidariedade com o Sudão (El Darien, Darfur, Sudão)
- Visita de animação em todos os continentes e em várias inspetorias
- Cursos de Formação e/ou Atualização Missionária para as neo-missionárias, para as missionárias ad gentes, para as coordenadoras inspetoriais das missões
- Colaboração com o Setor dos SDB para o Curso de Pastoral Missionária iniciado nos anos em colaboração com a UPS
- Colaboração para a realização do Projeto de Espiritualidade Missionária (Projeto do Cono Sur _PEM) : os lugares da Memória histórica
- Publicação «ANDATE ... “sereis i minhas testemunhas até aos confins da terra!”

Sr. Alaíde Deretti (a partir de 2008 - 2021)

- Reflexão, Seminários e Jornadas de Estudo sobre o Primeiro Anúncio em todos os continentes, juntamente com o Setor SDB
- Aplicação do questionário ‘O FENÓMENO MIGRATÓRIO’ em colaboração com a PJ (Gabinete dos Direitos Humanos – IIMA Genebra) e FS
- Despertar das Raízes Missionárias carismáticas
- Abertura e fortalecimento de novas fronteiras missionárias Mongólia, Bacu, Laos, Sri Lanka
- Seminários para a formação e acompanhamento das vocações indígenas

- Criação de alguns canais de comunicação do Âmbito com todas as missionárias e coordenadoras das missões: blog, Facebook, carta da Conselheira a cada 14 do mês.
- Realização da **Mostra Missionária em Mornese** em colaboração com o Arquivo Histórico FMA
- 24 novembro 2012 Beatificação da Irmã Maria Troncatti
- 2014 Centenário da morte da Irmã Ângela Vallese
- 2016 Centenário da Morte de don Giuseppe Fagnano
- 2016-2017 Celebração do 140º da Primeira Expedição Missionária
- LEITURA MISSIONÁRIA dos ATOS do CG XXIII
- 2019 CENTENÁRIO da MORTE de DON GIUSEPPE FAGNANO
- 2019 OUTUBRO MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO
- “O VINHO BOM”: TESTEMUNHOS MISSIONÁRIOS PARA O 150º DO INSTITUTO FMA publicados no blog Andate
- Publicação ANDATE... RICOMPRESIONE DEL MANDATO MISSIONARIO DI GESÙ
- Formação e acompanhamento das Coordenadoras inspetoriais, missionária ad gentes; Preparação e acompanhamento das neo-missionárias

“Partir é não se deixar aprisionar pelos problemas limitados do pequeno mundo ao qual pertencemos: seja qual for a importância deste nosso mundo, a humanidade é maior e é a ela que devemos servir... Partir é colocar-se em marcha e ajudar os outros a iniciar a mesma marcha para construir um mundo mais justo e humano”.

(Dom Helder Camara)